

♦BRAGA ♦ O outro lado do Horizonte ♦ faz luz sobre a reintegra ♦ o dos refugiados do Ultramar </p> <p> <i>ou melhor, Ant♦io Coimbra, natural de Molelos, escreveu e lan♦u o seu segundo livro, um romance que, mais uma vez, aborda a quest♦ da ♦descoloniza♦o exemplar♦, dos territ♦ios portugueses de ♦rica, feita pelos pol♦icos de Lisboa e da consequente trag♦ia causada a milhares de pessoas que, em Portugal, tiveram de refazer a sua vida, nem sempre com facilidades.</i></p> <p>Ant♦io Coimbra escolheu as festas de S. Pedro para fazer esse lan♦amento da obra, nas instala♦es da SMIR ♦ Sociedade Musical de Instru♦o e Recreio de Molelos, na tardinha de 27 de Junho, contando com a presen♦ do presidente da C♦ara Municipal de Tondela, Jos♦Ant♦io de Jesus, do representante da Assembleia Municipal, S♦gio Rodrigues, presidente da Junta de Freguesia de Molelos, Jos♦Dias, p♦oco da freguesia, padre Am♦ico Duarte, ex-presidente da Junta, Hor♦io Rodrigues, o presidente da SMIR, Id♦io Matos, entre outros autarcas, familiares, convidados e amigos.</p> <p>Finda a cerim♦ia, foi servido um jantar-conv♦io, confeccionado na SMIR, que serviu para estreitar la♦s de amizade entre o autor e os presentes, enquanto que, no recinto de festas, acontecia uma sardinhada gr♦is, a qual foi degustada por muitos populares, aos quais nada mais foi exigido do que, assarem eles, as sardinhas que iriam comer, nos assadores colocados ♦sua disposi♦o.</p> <p>Jos♦Dias come♦u por dizer que era ♦um orgulho♦ para Molelos ter ali o autor a fazer o lan♦amento do seu livro, depois do ♦sucesso♦ do livro anterior, esperando que, de igual modo, este tenha o mesmo sucesso, lan♦amento esse feito num ♦local que muito lhe diz♦, por estar ♦muito ligado ♦sua terra♦ que, embora longe dela, esteve sempre em contacto com ela. </p> <p>JOS♦ANT♦IO DE JESUS:</p> <p><i>♦H♦ sempre uma oportunidade se n♦ confiarmos nas nossas capacidades♦</i></p> <p>Jos♦Ant♦io de Jesus, salientou a cerim♦ia naquele ♦dia importante para a freguesia de Molelos♦, dia do seu padroeiro nas

instalações da SMIR, uma grande associação do concelho, na forma de muitos daqueles que hoje são músicos, que por ali passaram no tempo do saudoso Duque e que marcou muitos ao longo dos tempos.

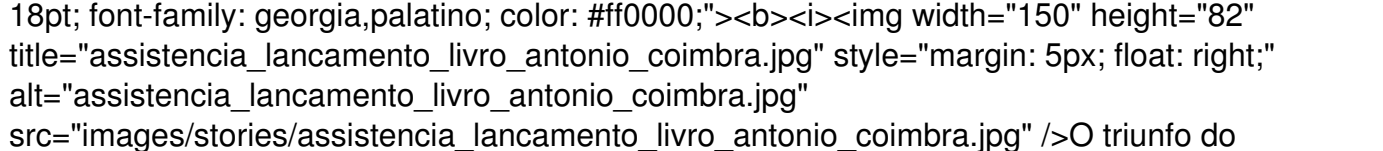
De António Coimbra, disse que foi alguém que noutros tempos, partiu para o Ultramar, como muitos outros e, nesta obra, veio retratar todo o sofrimento, mas também o novo tempo de adaptação daqueles que vieram no quadro de um processo de descolonização, tiveram que reconstruir o seu mundo, refundar a sua identidade, num espaço que era seu, cujo vínculo tinham perdido.

A história saber um dia valorizar todo o contributo dos autores da construção desta epopeia, no espaço africano, que tiveram esta ligação, têm estima a Portugal, valorizando a forma como o nosso país foi capaz de acolher estas pessoas, irmãos nossos que tinham estado noutras paragens e que foram capazes de reconstruir, de refazer a sua vida e hoje, como o caso de António Coimbra, que se reintegraram com sucesso profissional e que são referências para todos nós, enfatizou.

Deste modo, disse que o Município se associou a esta publicação, com a aquisição de 300 exemplares, reconhecendo a tenacidade, a força, a persistência, o trabalho e o empenho de quem acredita na vida, capaz de vencer, sustentou.

Eu acho que essa é a grande lição que nós precisamos nos dias de hoje, saber que, perante as dificuldades, perante aquilo que nos parece ser um precipício inultrapassável, há sempre uma oportunidade, se nós confiarmos nas nossas capacidades e se formos capazes, com a nossa força, com a nossa energia, de nos apoiarmos na humildade, para podermos vencer os obstáculos, concluiu.

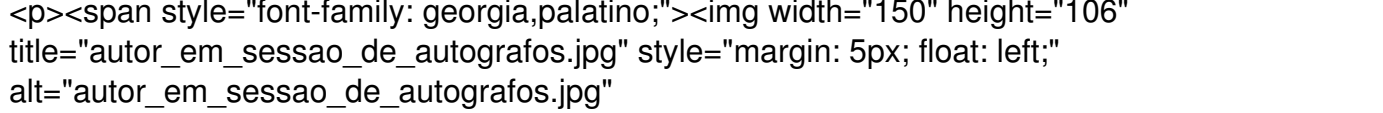
Terminou António Coimbra, agradecendo a presença de todos, a quem deu a conhecer o seu percurso literário, sem deixar de agradecer o apoio da Câmara Municipal e da SMIR, agora com um timoneiro muito especial.



O triunfo do trabalho, da luta e da persistência

O autor falou do gosto que tem pela escrita, que vem já de muito longe, sentindo-se mais propenso a esse trabalho, bem cedo, levantando-se da cama sempre com novas ideias para os seus trabalhos, que iam publicando na imprensa e, com a sua aposentação, iria dedicar-se a escrever livros, o primeiro dos quais, sobre a descolonização, lançado em 2011 **ANGOLA O horizonte perdido**.

Disse ele que nunca pôs em causa a descolonização, mas a forma como ela foi feita, sendo tudo, menos exemplar. E, uma vez escrito esse livro, o actual era inevitável que aparecesse, que era o retrato daqueles que eram, pejorativamente, chamados de retornados quando, na verdade, fugindo de uma guerra, não eram mais do que refugiados. Ele, que sempre teve repulsa pela palavra retornado, teve de lutar contra muitas dificuldades que certas mentalidades tacanhas lhe impuseram.



O autor confessou que foi para Angola pobre e regressou materialmente pobre, mas que trazia uma couraça do que

ANTÓNIO COIMBRA LANÇOU O SEU SEGUNDO LIVRO

Escrito por Zé Beirão

Seg, 30 de Junho de 2014 23:14

era a vida, do que era poder triunfar na vida, como conseguiu, custa de muito trabalho, de muita luta, no meio de um clima terrível.

No território de 1975 em que o país esteve beirinha de uma guerra civil, nós fomos apontados como a causa de todos os males do país, e por isso, fomos excluídos, lamenta António Coimbra, mas com persistência, como disse, soube triunfar de todas as adversidades enfrentadas.